

# REVISTA ECO-PÓS

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/index>



---

## O Viver Junto no Programa Profissão-Repórter: O Afeto na Construção da Reportagem Televisiva

Paula Regina Puhl

*Revista Eco-Pós, 2010, v. 13, n. 2, pp 124-142*

A versão online deste artigo está disponível em:

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/issue/view/24>

---

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Informações adicionais da revista Eco-Pós

sobre: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/about>

e-mail: [ecopos.ufrj@gmail.com](mailto:ecopos.ufrj@gmail.com)

### Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização do conhecimento.



# O Viver Junto no Programa Profissão-Repórter: O Afeto na Construção da Reportagem Televisiva

Paula Regina Puhl<sup>1</sup>  
Feevale

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo verificar a importância do afeto na atuação do repórter na construção da reportagem televisiva. Para isso utilizamos o programa Profissão Repórter. Foram analisadas quatro edições no período de 18 de agosto a 8 de setembro de 2009. A investigação é apoiada nos pressupostos de Barthes (2003) sobre o como viver junto, permitindo uma reflexão sobre a presença da afetividade na relação repórter e fonte. As reportagens analisadas se distanciam da imparcialidade e mostram os repórteres buscando os diversos ângulos de um mesmo fato. O afeto caracteriza a reportagem e está presente tanto nas falas das fontes, quanto nas manifestações dos repórteres, caracterizando a presença de um jornalismo mais afetivo.

## PALAVRAS-CHAVE

Televisão • Fonte • Repórter • Jornalismo Afetivo

## Afetividade e informação: uma prática jornalística?

Estamos presenciando diversas mudanças no Jornalismo e nas suas práticas. Os processos de comunicação, que pressupõe como mediação os veículos como jornal impresso, rádio, televisão, web, tv digital, estão cada vez mais se aprimorando tanto tecnicamente, quanto na utilização da linguagem, a

<sup>1</sup> Possui Mestrado e Doutorado em Comunicação Social pela PUCRS. É coordenadora e professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e do Curso de Comunicação Social na Universidade Feevale.

fim de estabelecer uma relação mais próxima com o receptor.

Essa busca pela credibilidade está em constante batalha com a informação mais rápida, quase em tempo real. Essa guerra desigual prescinde um jornalista mais prático, rápido e atento, porém cada vez menos, ele vai até as suas fontes, ele é sedento somente pelas suas “breves” palavras e não pela sua história ou pelo que essa pessoa representa na sociedade. Esse comportamento do repórter pode vir a prejudicar o aprofundamento e contextualização da informação.

Essa situação que prima pela rapidez da divulgação não reina somente na web, a televisão ainda se utiliza das entradas ao vivo, das belas imagens em alta definição, aguardando quem sabe, enfim a interatividade para não perder o seu público. No entanto, ainda presenciamos uma época em que a televisão brasileira ainda segue os formatos do início na década de 50. Os programas informativos ainda contam com âncoras conhecidos que possuem a simpatia do público e de matérias formais que na maioria contam com 2 minutos dependendo do editor-chefe.

A realidade televisiva dos canais abertos, mesmo tendendo aos velhos modelos também tenta se reinventar. É o caso do Profissão Repórter, que traz o seu subtítulo a seguinte frase – nos bastidores da notícia, os desafios da reportagem. O programa é veiculado pela Rede Globo semanalmente após a telenovela das 21h e tem como apresentador principal o jornalista Caco Barcellos.

O Profissão Repórter se diferencia de outros programas informativos da televisão aberta e por ter como foco a proximidade com as fontes, já que são mostrados os bastidores e a produção em loco da notícia, será o nosso objeto de estudo para tentarmos problematizar de que forma podemos dialogar entre a imparcialidade e a aproximação com as fontes na busca da melhor imagem ou ainda do melhor depoimento em prol da notícia.

Com o intuito de verificar essa relação foram analisadas quatro edições do programa transmitidas no período de 18 de agosto a 8 de setembro de 2009. Após algumas inferências sobre a construção da notícia nessas edições recorreremos a obra *Como viver junto* (2003), de Roland Barthes. O livro

apresenta os cursos e os seminários que Barthes lecionou no *Collège de France*, datados de 1976 - 1977. De acordo com o autor o material produzido tem como objetivo explorar um imaginário em particular – as formas de como “viver junto” de grupos restritos em que a vida cotidiana do sujeito ou do grupo está ligada a um espaço típico. Barthes descreve a linguagem<sup>2</sup> como o próprio lugar da sociabilidade, onde o poder é exercido pelas palavras e pela utopia em minimizar as diferenças entre os sujeitos, buscando o viver junto.

Assim, queremos verificar de que forma ocorre esse viver junto na relação entre repórter e fonte, já que a linguagem os une pelas diferenças, pela disputa das forças de poder que ambos possuem – um necessita do outro para terem uma existência social. A fonte precisa que a sua fala seja divulgada pelo repórter para que o seu discurso seja legitimado, enquanto que o repórter tem o poder de publicizar, e precisa de uma boa história, apoiada em fatos para ter a credibilidade da opinião pública, ou seja, se instala um processo de interdependência entre os sujeitos. E é nesse limiar entre legitimidade e credibilidade entre ambos, que acreditamos que o sentimento é o fator diferencial, pois através da exposição das emoções dizemos o que realmente pensamos, por outro lado é possível publicar uma fala embriagada de emoção?

Essas questões iram nortear esse estudo, ou seja, o objetivo é verificar esse processo de interdependência entre fonte e repórter, por intermédio do viver junto e da presença do sentimento em busca da informação.

## **O Repórter e a fonte na busca pela notícia**

Todo repórter não importa qual o seu veículo, tem em mente um único objetivo publicar a sua notícia. Porém, muitas vezes, a matéria jornalística não segue os preceitos de Lage (2001b) que atenta para os seguintes elementos do texto jornalístico, são eles: verificar corretamente as informações, a procedência das fontes, os critérios de importância ou interesse, e a organização da informação. O autor também destaca que a proximidade, a

---

2 Barthes (2003, p. 331) entende que a linguagem humana é atualizada pelo discurso que “é o teatro permanente de uma prova de força entre parceiros sociais e afetivos. É essa função de intimidação da linguagem”.

atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo e a oportunidade devem ser considerados elementos indispensáveis na produção da notícia.

Como temos como objetivo analisar o programa Profissão Repórter é importante destacar o jornalismo de televisão, que se diferencia por unir o texto e a imagem. Dessa forma, além de considerar a conceituação de Lage referente a notícia, o texto televisivo possui peculiaridades exigidas pelas características do meio que atinge um número expressivo de telespectadores.

A televisão, principalmente, nos programas informativos recorre geralmente, a presença de um “personagem- fonte” e o trata como um fio condutor da narrativa para contar a história e destacar o fato principal que constitui a notícia. No entanto, estamos acostumados a ver rápidos depoimentos, sem aprofundamento nos telejornais diários, sendo que atualmente somente em programas como o Profissão Repórter notamos a preocupação do repórter com a sua fonte e o seu significado na sociedade. A escolha da melhor fonte é responsabilidade da produção/repórter, já que será o depoimento dela que irá legitimar as informações citadas na matéria jornalística, ou ainda irá fazer com que o público se identifique com o sujeito a partir do despertar do sentimento. Tudo irá depender da condução do repórter e a sua sensibilidade em contar uma história interessante, a partir e com a sua fonte.

A preocupação em definir o que faz um fato tornar-se notícia na TV tem despertado o interesse de diversos pesquisadores, como relata Vizeu (2005) apresentando as constatações obtidas por Washington José de Souza Filho, que buscou encontrar o conceito de notícia nacional, e Alberto José Cavalcânti Ferreira, que analisou três programas jornalísticos da Rede Globo para explicar as prioridades jornalísticas atribuídas nestes programas.

Frente aos diversos acontecimentos diários, as empresas jornalísticas realizam uma seleção de informação que, como afirma o autor, ordena três estratégias utilizadas para cobrir todos os fatos. A primeira refere-se à abrangência dos acontecimentos de todo o território nacional. Em segundo lugar está o trabalho realizado pelos repórteres que são posicionados em pontos estratégicos, onde ocorram fatos noticiáveis. E por fim, há a regra das matérias

especializadas, que tratam de assuntos específicos - política, economia, esportes, educação, saúde, etc..

O conjunto de elementos que definem a noticiabilidade do acontecimento estão relacionados, conforme refere-se Vizeu (2005), aos processos rotineiros das práticas produtivas das redações. E como componente da noticiabilidade temos os valores/notícia.

Esses valores/notícia definem os acontecimentos que são suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia. Ou seja, como explica Vizeu (2005), as diferentes relações e combinações que se dão entre os diferentes valores/notícia são os fatores determinantes na seleção de um fato.

Dessa forma, o repórter é visto como o responsável em conduzir a notícia. Ele é o agente da mensagem. O público ainda considera uma boa matéria, aquela que o repórter está no local, confrontando diferentes posicionamentos e apresentando versões que permitem a melhor orientação do espectador.

Lage (2001) sempre defendeu a ideia de que o repórter deve estar onde o seu público não pode estar e acrescenta também a importância do repórter estar inserido no ambiente que compreenderá a sua narrativa. Pois, conforme o autor, mesmo possuindo um completo material e tranquilidade para falar sobre o assunto, o repórter que está no local do fato tem mais condições de selecionar o que é ou não relevante, pelo fato de estar vivenciando as reações das pessoas envolvidas. Esse processo produtivo diferencia uma reportagem viva de um relato construído.

Pensamento preservado também por Dantas (2004), organizador do livro *Repórteres*, que reúne dez profissionais do jornalismo que contam as experiências mais marcantes de suas trajetórias. Segundo o jornalista “um bom repórter pode ser, por exemplo, aquele que é capaz de contar bem um fato ocorrido na esquina de sua rua. Ou, em outro extremo, aquele que vai até o fim do mundo no calçadão de uma boa história” (DANTAS, 2004, p. 10).

Deste modo, atentamos para o capítulo escrito pelo jornalista José

Hamilton Ribeiro, a partir de uma frase de Jorge Cláudio Ribeiro, que afirma que o repórter é o jornalista que consegue captar o tempo da alma. Para Ribeiro, o repórter deve ter a vontade de compartilhar as informações que sabe, tendo sempre viva a sua curiosidade, a vontade de saber mais e em primeiro lugar.

Além dessas características para compor uma reportagem, o repórter necessita de fontes para confrontar versões, buscando a verdade mais próxima da realidade. Conforme Lage (2001a, p. 133). “todo repórter, (...) já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público”.

Como salienta o autor se o repórter ao cobrir um fato se deparar com uma versão da fonte A, outra da fonte B e uma terceira versão da C, deverá haver uma quarta fonte, para que seja possível se aproximar ao máximo do real acontecido. No entanto, o jornalista trabalha com os prazos, tornando uma pesquisa aprofundada e ir até as fontes um processo demorado. Assim, a interpretação ou a investigação dos dados pode ficar prejudicada.

Para Lage (2001a, p. 138) o jornalismo investigativo é definido como a forma extrema de reportagem, “trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona”. Essa prática é percebida no programa Profissão Repórter, que conta tanto com Caco Barcellos conhecido pelas suas grandes reportagens, quanto pelos jovens repórteres que se apresentam destemidos e fazem de tudo para coletar os melhores depoimentos e ter acesso aos mais diversos materiais que irão colaborar com a construção da notícia.

O programa segue as sugestões de Lage (2001a, p. 140) quando este recomenda que é preciso aprofundar-se sobre o assunto e consultar fontes secundárias, para então compor um plano de ações. “o repórter não pode, ou não deve, ser inocente e passivo quando propõe a tradição do ofício e de que a objetividade que se persegue não pode ser atingida por inteiro (...)”. Nesse ponto está a relação entre o repórter e suas fontes, onde o fator mais importante nessa relação é a troca de informação.

E é esse processo que iremos analisar no Programa Profissão Repórter. Justificamos a escolha do corpus, pela sua proposta de mostrar para o público

os bastidores, as dificuldades de se fazer uma matéria jornalística e de não levar ao público somente a matéria limpa, editada, como se a construção da matéria não envolvesse os sentimentos de medo, alegria, decepção e tristeza de um repórter em prol da melhor matéria e dos depoimentos mais expressivos.

Antes de fazer uma análise mais detalhada do corpus é importante saber sobre sua criação, desenvolvimento e repercussão. Acompanhe a seguir.

### **O programa profissão repórter**

O Profissão Repórter, programa que iniciou com um quadro semanal no Fantástico, em 2006, tendo sido testado anteriormente numa edição do Globo Repórter, trouxe uma proposta inovadora ao telejornalismo, quebrando até alguns antigos paradigmas, como afirma o diretor do programa, Marcel Souto Maior: “as universidades de Jornalismo ensinaram que não pega bem um repórter demonstrar suas emoções em pleno exercício da profissão. O Profissão Repórter navega na direção contrária, mas não sem ressalvas”<sup>3</sup>.

Conforme Klein (2008), o programa focaliza a escolha, a decisão, a hesitação do repórter diante de um acontecimento social, que tenta recompor na forma de reportagem. Ele propõe ao telespectador acompanhar toda a produção da reportagem, desde a reunião de pauta até as edições das imagens, com o objetivo explícito de mostrar os desafios na rotina de um repórter. Ou seja, o repórter ocupa o centro de interesse do programa: a relação entre os profissionais, com as fontes, com os documentos e com o cenário.

Outra característica do programa é a análise e a discussão das reportagens feitas pelo jornalista Caco Barcellos juntamente com os repórteres, questionando e escutando os motivos pelos quais determinadas ações foram tomadas durante a reportagem. Dessa forma, o programa cumpre a sua chamada “os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”. A condução é de Caco Barcellos, com a participação de jovens repórteres.

Na cobertura das reportagens é possível observar a divisão da equipe em

---

<sup>3</sup> Fala retirada da matéria *Mais do mesmo não vale*. O Estado de São Paulo, São Paulo, SP, 09 ago. 2009. Caderno TV & Lazer. 9 de agosto de 2009. pág. 4 e 5.

pares de repórteres, um ocupando a função de repórter e o outro de um repórter-cinematográfico. O formato aposta em desvelar a emoção e a persistência de jovens profissionais em busca da notícia e com a aproximação com as fontes.

O diretor do programa Marcel Souto Maior em sua fala em Palestra para estudantes de Comunicação<sup>4</sup> destaca que para se fazer uma boa reportagem de televisão é preciso envolvimento real e legítimo com o entrevistado, além de ter um olhar diferente do comum, para trazer ao telespectador algo diferente. Ele ainda complementa a importância em se interessar pela história do outro e se envolver de verdade, de acordo com as palavras de Souto Maior “Só assim, poderemos criar ou encontrar um novo meio de contar uma história”.

Após essa breve apresentação serão destacados alguns pressupostos de Rolando Barthes sobre o “viver junto” na contemporaneidade. Consideramos relevante essa aproximação, entre as ideias do autor com o jornalismo, pois a reflexão poderá suscitar um debate sobre a possibilidade de rever o afeto como um elemento importante na relação repórter e fonte.

### **O viver junto: necessidade cultural da contemporaneidade**

Para compreender a premissa de como viver junto, Barthes (2003) considera a Cultura como uma escuta das forças, ou seja, uma escuta das diferenças. E a primeira força que o indivíduo reconhece se dá através do imaginário: a força do desejo. Essa força é manifestada pela figura da fantasia, que para se realizar precisa de um cenário e de um lugar.

O autor declara que a fantasia é positiva e não é dialética, mas em alguns casos pode haver as contra-imagens, chamadas de fantasias negativas. Ambas influem no conceito de viver junto, que pode significar em âmbito espacial (viver no mesmo lugar) ou, como afirma Barthes (2003, p. 11), “viver-junto é

---

4 Palestra realizada em 18 de maio de 2010, na Universidade Feevale, texto retirado do blog Intercom Sul 2010. <http://intercomsul2010.blogspot.com/2010/05/um-dos-trabalhos-mais-desejados-de.html>. Acesso às 21h35.

também temporal, e é necessário marcar aqui esta casa: viver ao mesmo tempo em que...viver no mesmo tempo em que...= a contemporaneidade”.

Para viver junto na contemporaneidade Barthes acredita que a fantasia da sociabilidade. Essa pode ser visualizada a partir da palavra idiorritmia, que é composta por *idios* (próprio) e *rhythmos*. A palavra pertence ao vocabulário religioso e se refere a uma comunidade de monges em que o ritmo pessoal de cada um encontra o seu lugar e são respeitadas, porém preservam os espaços e as ações em comum.

O autor destaca que *rhythmos* é diferente de ritmo. *Rhythmos* é algo flexível, disponível, móvel, mas ainda com uma forma. Por outro lado, a palavra ritmo é aplicada ao movimento regular das ondas. Para Barthes (2003, p. 68) “*Rhythmos*: é o ritmo admitindo um mais ou menos, uma imperfeição, um suplemento, uma falta, um *idios*, o que não entra na estrutura, ou entraria nela á força”.

Barthes esclarece que *rhythmós*, por definição, remete ao individual, à forma como o indivíduo se insere no código social, mas com um sentido repressivo, enquanto *idios* remete às configurações não estáveis, sendo o contrário da cadência. Nesse sentido a fantasia é reconhecida como idiorritmia, respeitando o individual e suas nuances em prol de um viver junto. Barthes salienta que a fantasia funciona culturalmente como “um projetor nítido, poderoso, que recorta a cena iluminada onde o desejo se instala e deixa na sombra os dois lados da cena” (BARTHES 2003, p 17).

A fantasia para Barthes está no respeito do ritmo do outro e por isso ele considera o poder uma disrritimia, uma falta de ritmo, ou seja, ao juntar dois ritmos diferentes esses podem causar profundos distúrbios no sujeito.

A relação entre o poder e idiorritmia é negativa, já que o poder impõe um ritmo (da vida, do tempo, de pensamento, de discurso), enquanto que a idiorritmia está sempre contra ao ritmo imposto fora do indivíduo. Para o autor *rhythmós* significa atraso, que só pode ser feito pelo sujeito, só ele pode dar o ritmo, realizar e escolher a cadência de suas escolhas e desejos, conseqüentemente, escolher e definir o seu modo de viver junto.

## O viver junto no Profissão Repórter

Para pontuar e visualizar com mais nitidez essas discussões de Barthes, delimitamos a análise em quatro programas do Profissão Repórter, no período de 18 de agosto a 8 de setembro de 2009<sup>5</sup>. A análise irá considerar a relação entre os repórteres e as fontes. Para isso, primeiro serão apresentadas as sinopses dos programas e as reportagens que os compõem. Em alguns trechos da análise serão utilizados alguns extratos das falas tanto dos repórteres quanto das fontes<sup>6</sup>, quando forem pertinentes para a discussão e para a condução de algumas inferências sobre a possibilidade da emergência de um jornalismo apoiado no sentimento, no afeto, sem negligenciar a verdade das informações.

O Programa 1, veiculado em 18/08/09, com duração de 30 minutos e 44 segundos, teve como pauta a vida nas cadeias. Foram tratados os assuntos: a superlotação dos presídios e os vizinhos do pior presídio do Brasil; a rotina de um presídio de segurança máxima e a última matéria sobre o dia de ganhar a liberdade.

Na primeira matéria uma fonte consegue causar surpresa ao repórter Caco Barcellos frente aos fatos que encontra. Como podemos verificar na seqüência da narração que segue:

Repórter: - Como é ser vizinha do presídio?

Fonte: - É maravilhoso.

Repórter: - É mesmo!?

Fonte: - Eu gosto muito. Há 20 anos moro aqui e é maravilhoso. Temos calma, tranquilidade, não temos roubo, não temos assalto, não temos nada.

Esse diálogo gera dúvida ao repórter que não fica satisfeito e procura

---

5 O período de análise escolhido coincide com o utilizado pela acadêmica Aline Assmann, em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Programa Profissão Repórter: Informação e Afetividade em busca da notícia, no entanto destaco que o referencial teórico apoiado em Barthes é inédito e desenvolvido somente para esse artigo.

6 Será utilizada a fonte times new roman corpo 11 e centralizado para diferenciar do restante do texto.

outra fonte. Uma jovem apresentou motivos ainda mais fortes para gostar do local. Ela relata uma história de amor iniciada a partir de bilhetes trocados com um preso pelas grades da cadeia. Como percebemos os depoimentos não condenaram o presídio. As falas voltadas muito mais para o emocional demonstram que as pessoas que não possuem outra opção a não ser continuar em suas casas, independente do presídio aprendem a conviver junto e ainda conseguem explicitar para o repórter a contradição de que morar perto de um presídio é seguro, no lugar de miséria encontra-se o romance.

Na segunda matéria dessa edição os repórteres Thiago Jock e Mikael Fox passaram 24 horas no presídio de segurança máxima de São Paulo, onde ficam detidos os principais líderes das milícias. Essa matéria relata a ideia defendida no artigo de Eloísa Klein (2008), que comenta a descrição da atividade do repórter como umas das principais características do programa Profissão Repórter. Pois, conforme a autora, os repórteres falam do lugar em que estão, da relação deles com o acontecimento, dos ruídos, problemas de acesso, descrevem a duração do período que permanecem no local e relatam suas percepções. Eles também destacam as dificuldades técnicas enfrentadas no ambiente e descrevem o que fazem para acompanhar as diversas situações para constituir a reportagem. E além de tudo expõem o medo e a insegurança no momento das entrevistas. Nesse caso temos claramente a noção e a experiência de viver junto, de acordo com Barthes (2003), respeitando o ritmo do outro sem impor o poder.

Os repórteres mesmo sendo diferentes de suas fontes e tendo a compreensão da sua função social, eles assumem seus medos para levar para o espectador a vivência de uma cela e suas implicações. Essa ação fez com que os repórteres ganhassem a confiança das fontes, como assinala o diálogo abaixo entre o repórter Thiago com o presidiário conhecido por Batman.

Off: “Entrar numa prisão dessas é quase tão difícil quanto tentar escapar dela”.

Off: “Ricardo Teixeira da Cruz, conhecido pelo nome de herói, o Batman. Sobre ele pesa a indicação de ser um dos líderes das milícias do Rio de Janeiro. No ano passado, Batman fugiu de Bangu 8 pelo portão principal, diante dos guardas.

---

7 Off em televisão é o texto dito pelo repórter sem que ele esteja em cena, cobrindo assim as imagens vistas pelo telespectador., de acordo com Paternostro (1999)

Fonte: - Saí normal, saí pela porta da frente. Não usei de violência com ninguém. Só saí porque minha família tava sendo ameaçada.

A situação de estar no local do acontecimento e acompanhar as sensações da fonte e assim colher o depoimento junto ao seu contexto é o que é feito pelos repórteres Mariane Salerno e Felipe Gutierrez que registraram a emoção das detentas ao conquistarem a liberdade condicional. O repórter vivencia a reação das pessoas, como ocorreu com Mariane ao acompanhar uma detenta grávida da saída do presídio até o retorno para casa.

A repórter retorna até a casa da ex-presidiária quatro meses depois para ver realmente o que acontece com quem deixa a cadeia. Por se tratar de um programa semanal que não tem o compromisso com as notícias diárias, é possível ter um tempo de produção considerável, o que faz com que a matéria fique mais completa.

No Programa 2 apresentado em 25/08/09 o foco estava na seguinte temática: o que uma pessoa pode fazer em prol de um filho, a duração foi de 26 minutos e quarenta e nove segundos. A edição contou com três matérias feitas por três equipes, compostas em sua maioria por um repórter, um repórter-cinegrafista e um cinegrafista. Os assuntos foram as seguintes: um transplante de rim de pai para filho que foi acompanhada pelos repórteres desde a chegada na rodoviária de São Paulo; a rotina de um parto, que foi acompanhada por Júlia Bandeira como repórter e Thaís Itaquí na função de repórter-cinegrafista e a presença de mais um cinegrafista, que registraram os exames de ecografia, o nascimento de gêmeos e o registro das crianças. E a última matéria chamada de uma disputa dolorida registrada pelo repórter Caco Barcellos que narra a batalha entre uma mãe biológica e uma adotiva na busca de ficar com a filha.

Na matéria sobre o transplante de rim, feita por Gabriela Lian e Caroline Kleinübing são mostradas cenas dos bastidores das repórteres. Apresenta os constantes desafios enfrentados por uma equipe ao decidir quais os rumos e ações irão tomar, essa situação pode ser observada no momento que a equipe de reportagem aguarda pai e filho na rodoviária para acompanhá-los até o hospital. A escolha em desvelar essas informações para o telespectador está em incluir as pessoas que estão assistindo ao programa, mostrar as dúvidas daqueles que são os responsáveis em levar ao público uma matéria jornalística.

Já durante a cirurgia de transplante a repórter narra o que está acontecendo, uma presença mais viva que trás consigo o envolvimento intenso do profissional ao registrar de perto a retirada do órgão, ao mesmo tempo, que tenta colher depoimentos dos profissionais que acompanham a cirurgia. A repórter tenta controlar sua emoção em vivenciar um fato como esse. A matéria dispensa o *off* (o texto coberto por imagens) e tem a atitude de expor o seu nervosismo em estar presenciando pela primeira vez um transplante. A presença da equipe do Profissão Repórter é sempre destaca, mostra que ninguém, em televisão consegue produzir sozinha uma notícia, além da riqueza de poder contar com a complementação entre as repórteres em alguns momentos de entrevista, onde a repórter-cinematográfica colabora ao fazer seus questionamentos. Ou seja, na mesma equipe encontramos pontos de vista contrários e complementares. Como diz Barthes (2003), é o respeito pelo ritmo do outro que se é possível viver junto, como os monges do Monte Atos, que respeitam a individualidade, mas que possuem encontros em grupo, para assim continuarem a viver junto na religião.

Já na reportagem em que a equipe acompanha o parto são mostradas as dúvidas e inseguranças presentes na rotina de um repórter e a aproximação entre o jornalista e as fontes. O parto possuía um diferencial, pois as envolvidas eram duas mulheres homossexuais que recorreram a uma clínica de fertilização para realizar o sonho de terem filhos e poderem registrá-los com o nome das duas mães. Como pode ser visto na restituição das falas das mães com a repórter, que segue:

Repórter: - Uma curiosidade de verdade, vai ser mamãe e mamãe?

Fonte: - Mamãe mamãe.

Repórter: - Ai que bonitinho! (risadas)

Esse diálogo foi escolhido para permanecer na edição. Essas cenas demonstram o clima amistoso e de confiança entre a repórter e as fontes, mais uma vez percebemos a afetividade. Mesmo na contemporaneidade ainda não são comuns partos em que a criança terá duas mães, ou seja, o telespectador tem um pensamento próximo ao da repórter que não fica a vontade com a situação. Temos nesse diálogo o diferente convivendo, mas pela linguagem, pela

afetividade. O diferente torna-se mais natural, graças a interlocução da repórter. A emoção aproxima o repórter tanto da fonte como o conteúdo dos telespectadores.

Na última matéria dessa edição que trata a disputa de uma criança entre as mães biológicas e adotivas, Caco Barcellos segue a premissa de Lage (2001), pois apresenta as diferentes versões dos fatos, possibilita um confronto das diferentes perspectivas, e permite ao telespectador construa as suas interpretações.

Já o Programa 3 do dia 01/09/09 apresentou a realidade dos jovens em perigo, com a duração de 28 minutos e 29 segundos. A edição foi composta de três reportagens criadas a partir de ângulos diferentes sobre o tema violência, tendo contado com três equipes: uma com Caco Barcellos e um cinegrafista, que cobriram a matéria Recife: jovens mortos, assassinos desconhecidos. A outra abordagem foi sobre a violência que atinge os jovens que vivem na fronteira com o Paraguai, acompanhada pela repórter Mariane Salerno, pelo repórter-cinematográfico Caio Cavechini e mais um cinegrafista, que estiveram em Foz do Iguaçu. E a terceira matéria chamada, mais um baleado na grande Cariacica, foi feita pela a equipe da repórter Thaís Itaquí, do repórter-cinematográfico Felipe Gutierrez e de mais um cinegrafista abordo de uma ambulância de socorro.

A reportagem em Recife tinha como ideia compor a notícia através da reconstituição dos fatos e da identificação dos personagens, que são assassinados, porém quando ocorre um crime nenhum jovem que estava no local teve coragem de comentar. Caco Barcellos não desistiu e continuou a busca por depoimentos de jovens sobre a situação violenta da cidade. Em uma festa de rua o repórter encontrou um jovem disposto a expressar sua opinião, apresentando declarações contrárias a realidade comprovada pelos índices de criminalidade na cidade, como pode ser observado no seguinte diálogo:

Fonte: - Não sei, acho que é tudo igual, sei lá. Aqui é melhor que no Rio de Janeiro e São Paulo, com certeza. É mais calmo do que lá. Lá é mais perigoso.

Repórter: - E por quê a estatística diz que não?

Fonte: - Não sei.

Repórter: - Você já perdeu algum amigo?

Fonte: - Bastante, vários.

Repórter: - Quantos amigos?

Fonte: Sei lá, uns 20.

Após esta declaração do jovem, o repórter sinaliza a contradição do rapaz com os números oficiais e parte para novas testemunhas. Frente a isso, podemos observar que apesar da pauta estabelecida, a reportagem se forma frente aos acontecimentos presenciados pelos repórteres, que muitas vezes são surpreendidos por fatos inesperados e contrários ao seu pensamento inicial. Como atenta Caco Barcellos ao declarar sobre as dificuldades e a demora de encontrar um momento privilegiado.

A segunda matéria destaca a tristeza e a preocupação dos pais de jovens que moram em Foz do Iguaçu, a cidade número um no ranking de adolescentes vítimas da violência. Por se tratar de um assunto muito delicado os repórteres apresentam prudência e sensibilidade. Porém ao Mariane falar: “Na cena mais triste desta edição”, quando mostram uma mãe desolada ao ver o corpo de seu filho assassinado em frente a casa, vemos o envolvimento da repórter e a dificuldade em se manter distante dos acontecimentos.

Na terceira matéria os repórteres presenciam a discussão entre dois jovens envolvidos em uma briga. A reportagem mostra as ameaças feitas entre os jovens em frente as câmeras, como registra a transcrição abaixo:

Fonte 1: - Não vai passa batido, não, hein, rapaz.

Repórter: - Ele veio até aqui, na porta da ambulância, e te ameaçou e você não tem receio disso?

Fonte 2: Se ele não consegui me matá eu vou matá ele. Eu tô sendo sincero.

Repórter: - Você não tem medo de ser preso?

Fonte 2: - Nem um pouco. Porque eu sei assim, morreu já era.

A equipe acompanha na ambulância o jovem ferido até o hospital.

Aparentemente amedrontado, ele liga para sua mãe, solicitando ajuda. Por estarem acompanhando o desenvolver dos fatos é possível visualizar a diferença de comportamento da fonte, a presença dos repórteres não forja mais as suas emoções. Essa aproximação possibilitou aos repórteres registrar cada detalhe, essenciais para o momento de edição da reportagem.

O Programa 4 veiculado no dia 08/09/09 teve 27 minutos e 34 segundos e falou sobre os caminhos do lixo. Foram três matérias, compostas por três equipes de reportagem, duas compostas por dois repórteres, assumindo a frente da matéria e com um repórter-cinegrafista, acompanhados de um cinegrafista e, a outra equipe, a de Caco Barcellos que era constituída por ele e mais dois cinegrafistas.

Na matéria sobre o lixo que vira dinheiro e sustenta a família, Caco tenta assumir a função de um gari e o cinegrafista acompanha o seu ritmo. A reportagem de Caco Barcellos mostra uma história surpreendente nas ruas de São Paulo, como define o próprio repórter. Ele encontra um gari que é cantor, enquanto o jornalista acompanhava o recolhimento de lixo na cidade. Então o repórter entra na matéria para tentar acompanhar a rotina de sua fonte e acaba tornando-se notícia também, se tivéssemos uma manchete seria: Jornalista cata lixo nas ruas de São Paulo. Mas além de virar notícia, essa aproximação conseguiu mostrar o ritmo acelerado dos trabalhadores. Segundo depoimento do próprio repórter ao jornal Estado de São Paulo em 2009, as pessoas não sabem quantas tentativas são necessárias para encontrar o personagem certo ou flagrar uma situação interessante para a reportagem. No diálogo abaixo mostra a preocupação do repórter em tentar mostrar da forma mais real o dia-a-dia dos garis.

Off: “Para registrar o trabalho dele temos que correr”.

Repórter: - Mas eu torci feio o tornozelo. Tá bom, não tá doendo. Acho que quando tá quente não dói. Quando esfria que vai ser o problema.

Off: “Ângelo duvida da minha resistência”.

Fonte: - Vamo, que não chego nem até a metade ainda.

Na outra reportagem chamada de o caçador de tesouro no maior aterro

sanitário da América Latina, o repórter Felipe Gutierrez assume o papel de entrevistador com Felipe Suhre atuando como repórter-cinegrafista, acompanhados de um cinegrafista. No início da reportagem observamos a resistência dos catadores de lixo aos repórteres, as imagens passam uma sensação de desconforto devido a presença das câmeras. Mas, após algumas abordagens mal sucedidas, a equipe encontra a história de Ângela, uma trabalhadora disposta a explicar ao repórter um pouco das regras do lixão e o destino dados aos materiais recolhidos. Inclusive eles são levados até a casa da fonte que mostra para a equipe os objetos que ela recolhe no lixo.

Nesse caso percebemos que a câmera e a equipe podem prejudicar a aproximação com as fontes e por isso cabe ao repórter estar atento, mas também disponível para encontrar e preservar a sua relação com as fontes, pois sem elas a reportagem não terá surpresa e as informações serão somente oficiais sem elementos que chamem a atenção do público.

Já na última matéria os carroceiros de São Paulo, Júlia Bandeira e Caroline Kleinübing contam a história de Adílson, que encontra no lixo o seu sustento e na poesia sua satisfação. É possível ver o envolvimento da repórter Júlia Bandeira com a fonte, ao conduzir as entrevistas. Essa percepção é confirmada quando a matéria começa destacar imagens de Adílson e de Júlia, ao invés de mostrar apenas a fonte. Outro elemento que mostra esta aproximação são as perguntas que a repórter faz, apresentando um interesse em saber mais sobre a vida da fonte, fugindo da pauta principal.

O objetivo de ter analisado as quatro edições dos programas visou explicitar a relação entre o repórter e fonte e os limites de envolvimento afetivo por intermédio das citações das entrevistas.

### **Considerações sobre um jornalismo mais afetivo: desafios e apreensões**

As reportagens descritas ilustram a condição de viver junto, de acordo com Barthes (2003). As diferenças foram esquecidas entre os repórteres e as suas fontes em prol de uma sociabilidade etérea. A troca das forças citadas por

Barthes entre os diferentes gera a fantasia de que convivem em um mesmo ambiente. Utopia? Talvez. Porém ambos estão habitando o mesmo espaço temporal, o mesmo local, mas não possuem as mesmas práticas culturais.

A afetividade exposta nas matérias demonstram a necessidade do viver junto. O afeto, no caso do programa Profissão Repórter é um elemento essencial na busca das informações e colabora para a relação mais amistosa com as fontes.

Falar em um jornalismo afetivo pode ser desafiador e talvez possa deixar os jornalistas apreensivos em conseguir mensurar quais são os limites dessa aproximação e até que ponto pode colaborar ou não na construção de uma reportagem. Acreditamos que ainda é prematura a ideia de cunhar um conceito estanque a respeito da relação jornalismo e afetividade. No entanto é preciso refletir sobre as possíveis mudanças no jornalismo que convivemos a todo momento em diferentes meios.

Mas uma constatação já se pode dizer, a necessidade cultural de conviver e respeitar o outro é uma realidade, e a prática jornalística precisa considerar que o estar junto será uma necessidade para se respeitar tanto o depoente quanto os sentimentos do jornalista, que também tem o direito de sentir, de ter dúvida quando está produzindo a sua reportagem. Dessa forma, o jornalismo afetivo ao ser reconhecido pode ser libertador, mas lidar com a liberdade é sempre uma questão quase filosófica.

## Referências Bibliográficas

- BARBEIRO, Heródoto. *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DANTAS, Audálio. *Repórteres*. São Paulo: Senac Nacional, 2004.
- KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. *O que o repórter faz? - Análise da participação das posições-sujeito no fazer jornalístico em Profissão Repórter*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Televisão em Realidade. UFBA: 2008.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001a.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001b.

*Mais do mesmo não vale.* O Estado de São Paulo, São Paulo, SP, 09 ago. 2009. Caderno TV & Lazer. 9 de agosto de 2009. pág. 4 e 5.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na tv – manual de telejornalismo.* Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PUHL, Paula Regina. *Contexto e Práticas de Comunicação Social.* Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

VIZEU, Alfredo. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação.* Lisboa: Editorial Presença, 1995.